

## **O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTORIA DE PROFESSORES NO DOMÍNIO DO GÊNERO CARTA DE LEITOR**

Ana Paula Sarmento Carneiro- UFPB

### **1.INTRODUÇÃO**

Temos verificado vários trabalhos acadêmicos que abordam a questão da autoria Orlandi (1996a; 1996b), Possenti (2001; 2002), Gallo (1992), porém poucos ou quase nada são os que tratam a autoria com base na escrita de professores, principalmente de ensino fundamental e médio de escolas públicas. Talvez essa pouca preferência em estudar o texto escrito destes professores se dê em decorrência de uma imagem que ainda persiste em permanecer na nossa sociedade em considerar o professor como aquele que deve saber de tudo, que apenas tem a função de ensinar e não como aquele que aprende. De modo que pesquisar a escrita de professores é admitir, de certa forma, que ela não está consolidada, que precisa ser questionada, revista. Por outro lado, constatamos também, ao lado desta imagem, a de que os professores não lêem e muito menos escrevem e não são capacitados para assumirem o lugar de autores e, por isso mesmo, não estariam preparados para formar ou estimular seus alunos para a prática da escrita. Assim, há um discurso ambíguo, a mesma sociedade que exige professores competentes, acaba colocando-os à margem, na medida em que não lhes dá condições dignas de trabalho e cursos à altura para se aperfeiçoarem.

É bem verdade que as condições sócio-culturais e econômicas do professor atualmente têm afetado a sua formação e atuação profissional, daí já surgirem vários cursos de formação continuada, proporcionando de certa forma a oportunidade ao sujeito professor para refletir suas competências e prática pedagógica em sala de aula. Obviamente, que não acreditamos que um curso de formação por si só vá resolver ou apagar a história cultural de escrita do sujeito professor ou resolver todos os problemas que envolvem o ensino - aprendizagem nas escolas de ensino fundamental e médio, mas reconhecemos que é preciso redimensionar o ensino, especialmente da escrita e, a nosso ver, para mudar a representação da imagem do professor na nossa sociedade é necessário capacitá-lo com o instrumento da prática da leitura e da escrita, especialmente contribuindo para sua inserção enquanto autor no contexto sócio-histórico.

Para ser possível trabalhar a autoria no texto escrito de professores, naturalmente não partimos da noção de que ela está circunscrita a uma obra ou apenas ao princípio de discursividade, concebemos que para o sujeito assumir a condição de autor, além de ser responsável por aquilo que diz, ele deve apresentar traços de singularidade que o coloque nesta condição de autor. Nesse sentido, consideramos, segundo Possenti (2001), que os indícios para atingir a autoria se caracterizam por dar voz ao outro e manter distância em relação ao próprio texto. Consideramos ainda que para o sujeito ser considerado autor além de assumir uma posição no contexto sócio-histórico, ter domínio dos processos textuais (unidade, clareza, não contradição, etc), faz-se necessário que direcione e adeque o seu dizer a um gênero discursivo.

Com base na teoria da Análise de Discurso francesa, pretendemos neste trabalho analisar como se manifesta e quais procedimentos lingüístico-discursivos evidenciam gestos singulares de autoria em textos escritos de professores. Os dados que constituem o presente artigo integram a nossa pesquisa de doutoramento e foram coletados junto ao projeto do Prolicen direcionado à formação de professores o qual faço parte juntamente com outros professores da UFCG- Pb. Estes dados são constituídos por textos escritos, mais especificamente, por produção do gênero cartas de leitor de professores do ensino fundamental e médio, sendo estes professores provindos de escolas públicas da cidade de Campina Grande – Pb.

Para obtermos os nossos dados, aplicamos uma seqüência didática que contemplava um conjunto de atividades de leitura, escrita e análise lingüística em torno do gênero carta de leitor com os referidos professores no curso de formação continuada mencionado. De modo que só após a leitura de várias cartas de leitor publicadas em vários suportes, tendo estudado a variação do estilo composicional destas várias cartas, bem como observado os efeitos de sentido que

determinados vocábulos como verbo e adjetivos funcionavam neste gênero, solicitamos uma primeira produção da carta de leitor com base na leitura de artigos da revista *Veja*. Observando que a maioria dos professores sentiu dificuldades e apresentou resistência para escrever, resolvemos trazer um outro gênero para servir de motivação para que escrevessem. Escolhemos uma entrevista que tratava sobre a educação e cultura brasileira com o filósofo Alcione Araújo, publicada na Revista *Continente Multicultural* do mês de janeiro de 2006. E após discussão desta entrevista, relacionando com a temática dos outros textos já vistos, solicitamos uma outra produção do gênero e após reescrevê-la, foi enviada à revista.

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 2.1. A LÍNGUA (GEM) E SUA HISTORICIDADE

Analisar a autoria no texto escrito implica necessariamente deixarmos claro que direcionamento estamos percorrendo no que diz respeito à língua (gem), ao texto/discurso para que possamos propriamente caracterizar o que estamos concebendo como um texto que apresenta autoria.

A Análise de Discurso, através dos estudos realizados por Michel Pêcheux, vem criticar a idéia de transparência da linguagem e procura resgatar a noção de opacidade, levando em conta o funcionamento da língua a partir do contexto histórico-social de produção. É um grande equívoco, portanto, acreditar que no texto haja uma representação real daquilo que o sujeito teve a intenção de dizer, uma vez que não há uma relação direta, objetiva, e neutra entre o mundo e a linguagem, entre a palavra e o seu referente. Desse modo, o nosso dizer não se restringe a uma apropriação de um conjunto de palavras que fazem parte de um sistema e que estão à nossa disposição para serem utilizadas de acordo unicamente com o nosso querer individual. Se assim concebêssemos, a língua seria vista como um código e não abriria a possibilidade do processo de construção dos sentidos.

A proposta da Análise de Discurso, desse modo, é fazer uma interrelação, demonstrando que não há uma separação entre a linguagem e a exterioridade, a qual ela concebe como constitutiva.

A história, ou melhor dizendo, a historicidade, na perspectiva discursiva, é considerada de fundamental importância para que a língua seja revestida de significação. Segundo Lecourt (apud Orlandi, 1993), a concepção de história não se baseia na noção de cronologia ou evolução, mas resulta de os fatos reclamarem sentidos. É desse modo que a historicidade vai ser entendida, justamente como acontecimento do texto enquanto discurso, ou seja, o fazer dos sentidos que são construídos nele.

Esta distinção entre história e historicidade trazida pela Análise de Discurso significou um considerável avanço para as idéias da Lingüística, principalmente em relação à noção de língua como produto. A relação, portanto, entre língua e história passa a ser vista como constitutiva e não como algo separado, exterior. Nesse sentido, é que Orlandi (1996) afirma que

*Não se trata de trabalhar a historicidade refletida no texto, mas a historicidade do texto, isto é, trata-se de compreender como a matéria textual produz sentidos. /.../ São, pois, os meandros do texto, o seu acontecimento como discurso, a sua “mise-em oeuvre”, como dizem os franceses, ou, como podemos dizer, o trabalho dos sentidos nele, que chamamos historicidade. (op. cit.p. 55)*

Tendo em vista estas noções de história e historicidade, podemos dizer, segundo a perspectiva da Análise de Discurso, que a língua ao mesmo tempo que é estrutura é também acontecimento. E ela vai ser considerada constitutiva, pelo fato de seu funcionamento não se restringir ao seu próprio sistema, mas ao meio social, às relações que normalmente ocorrem entre os sujeitos e a história. A língua, portanto, está sujeita ao equívoco, à falha, na medida em

que *todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro* (Pêcheux, 1997:53).

Tendo como objeto de estudo o discurso, a Análise de Discurso enfatiza que ele é construído como uma instância integralmente histórica e social e sua definição vai se distanciar do esquema tradicional de uma mensagem transmitida por um emissor, através de um código, a um receptor como se houvesse simplesmente uma transmissão de informações de forma linear. A proposta da Análise de Discurso é substituir esta noção de mensagem e pensar no discurso, uma vez que quando o sujeito se dirige a outro, ele não está apenas transmitindo informações, na verdade se estabelece um jogo complexo no funcionamento da linguagem entre os sujeitos os quais estão afetados pelos fatores lingüísticos e históricos que produzem efeitos de sentido os mais variados. Nesse sentido, a linguagem, segundo Orlandi (1999:21), *serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí, a definição de discurso: o discurso é feito de sentidos entre locutores.*

Considerando o discurso como efeitos de sentido produzidos entre os sujeitos, o texto se caracterizaria por apresentar marcas formais que denunciariam o seu funcionamento discursivo. E é através das *condições de produção* (relação entre os sujeitos, os dados sócio-históricos, as imagens construídas entre eles) que vai ser possível analisar e determinar o funcionamento discursivo que constitui o texto.

O texto, portanto, é a manifestação concreta do discurso, o que implica considerar que os discursos são lidos e ouvidos na forma de textos. Assim, um discurso é normalmente constituído por uma pluralidade de textos e em um só texto podemos identificar quase sempre vários discursos.

Considerando esta concepção de texto, descartamos a possibilidade de ao analisá-lo nos determos apenas no conteúdo ou na forma. Interessa-nos focalizar o modo como é construído e quais os efeitos de sentido que produz nas diversas esferas comunicativas.

Após estas considerações, passaremos no item seguinte a apresentar a noção de autoria que norteará a análise dos textos escritos pelos sujeitos professores.

## 2.2. AUTORIA: GESTOS DE SINGULARIDADE

Antes de tratar propriamente do princípio da autoria como um dos procedimentos internos de controle do discurso, Foucault inicia sua aula inaugural no Collège de France, em 2 de dezembro de 1970 pronunciando a pergunta seguinte que já abre espaço para uma inquietação filosófica acerca da produção dos discursos :

*Mas o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?* ( FOUCAULT, 1999, P. 8)

Através dessa pergunta, Foucault tem o propósito de problematizar as relações entre o discurso e o poder e ele mesmo vai tentar responder essa pergunta partindo da hipótese de que

*(...) em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.* (FOUCAULT, 1999, P. 8-9)

Com base nestas palavras, podemos depreender que Foucault entende o discurso não como uma produção inocente e descontextualizada. De modo que ele vai ser concebido como resultado de uma dinâmica social e organizado sob determinadas normas institucionais que fixam um lugar para aquele que fala, buscando controlar o acontecimento. Assim, nem tudo pode ser dito, há uma política de silenciamento do que pode provocar perigo ou que transgrida as normas das instituições.

Em *A ordem do discurso*, Foucault discute alguns mecanismos disciplinares instituídos pela sociedade para controlar, organizar, selecionar e redistribuir a proliferação dos discursos e dos sujeitos. Dentre os mecanismos de controle, interessa-nos aqui destacar os internos, ou seja, aqueles em que os discursos exercem seu próprio controle. Foucault classifica-os em o *comentário* (separação entre os discursos fundadores e os que apenas repetem e comentam); o *autor* (princípio de agrupamento do discurso que confere sua unidade e coerência); *disciplina* (controla a produção do discurso, estabelecendo limites através de reatualização constante de regras).

No quadro desta classificação trataremos mais detidamente aqui o procedimento de controle do autor, a fim de compreender melhor seu conceito à luz da teoria foucaultiana e como este procedimento se manifesta no discurso escrito de professores. Vamos encontrar em algumas obras de Foucault menção ao papel do autor, principalmente em *O que é um autor?*, em *A ordem do discurso* e em *Arqueologia do Saber*. Em todas estas obras, Foucault tem o propósito de mostrar que a figura do autor desempenha uma função discursiva e que se deve voltar o olhar detidamente para o discurso em que estão inscritos os enunciados.

A função autor, em Foucault, está diretamente relacionada com a função do sujeito no discurso. De modo que o autor ou função autor é somente uma das especificidades que o sujeito pode desempenhar. Concebendo, pois, o sujeito como uma figura discursiva, ele identifica o efeito-autoria como uma das evidências do sujeito o qual está submetido às várias determinações que organizam o campo social das produções dos sentidos. Este autor alerta para o fato de que se deve observar a história das condições de produção, de como foram disseminados e apropriados os textos, bem como foi atribuído um nome próprio a um determinado texto.

Para Foucault (1969), a criação da função autor se deu através de um processo que se desenvolveu a partir da época medieval e se constituiu em um meio de controlar certos textos que deveriam ou não circularem na sociedade ou conferir-lhe status através de uma assinatura que o legitimasse.

Assim, Foucault (1999) vai defender que a origem da noção de autor marca o momento da *individualização* na história das idéias das ciências. A figura do autor assume uma grande importância na produção do texto no que se refere às idéias defendidas por ele. Este é o responsável direto pela organização, agrupamento e coerência que é impressa no seu texto. Para Foucault ( op. cit. p26), *o autor não é concebido como o indivíduo falante que escreveu um texto, mas como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência*.

Nesse sentido, para Foucault, o princípio de autoria não se estende a todo e qualquer discurso, mas somente àqueles que contribuem para dar origem à discursividade como os produzidos por autores como Freud, Marx, Saussure, etc. A função-autor é, desse modo, caracterizada por Foucault, com base em *um modo de existência, circulação e funcionamento de certos discursos numa sociedade*.

Neste aspecto, discordamos da postura de Foucault quando restringe a função autor exclusivamente a determinados discursos que circulam na sociedade e nos aproximamos das idéias sobre autoria defendidas por Eni P. Orlandi em sua obra *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* (1988). Esta autora procura ampliar esta idéia defendida por Foucault, na medida em que acredita que há um princípio geral que necessariamente abrange todo discurso e, por consequência, marca a função autor. Quando o sujeito assume a origem do seu dizer e define de forma subjetiva e ilusória a coerência, unidade e objetivo de um texto, ele instaura a função autor, de modo que, a partir das *condições de produção* do discurso, o sujeito ocupa uma posição ou lugar social que o caracteriza como autor. Orlandi amplia, portanto, a noção de autor apresentada por Foucault, concebendo-a no uso cotidiano, sendo assim, a função autor não fica limitada a uma obra, ou a um conjunto de regras instituídas, num certo momento histórico, que disciplinam a produção discursiva..

Considerando que o dizer está inscrito no repetível histórico, ou seja, no interdiscurso, podemos afirmar de acordo com Orlandi que a autoria está vinculada com a noção de interpretação, visto que o sentido não pode ser interpretável se não estiver em relação com a

historicidade. A constituição do autor pressupõe, nesse sentido, a repetição, ou seja, aquilo que é passível de interpretação.

Por outro lado, a interpretação, para a Análise de Discurso, também está relacionada não só com aquilo que pode ser repetido, mas também com a incompletude da linguagem, com o equívoco. Desta forma, a autoria também se processaria no movimento tenso entre o repetível assentado na historicidade, ou seja, repetir o já dito de maneira singular, própria, acrescentando algo e ao mesmo tempo na ruptura com o já estabelecido, ou seja, gerando algo inusitado a partir do princípio da criatividade.

Sírio Possenti (2002) se aproxima da posição de Orlandi quando também critica o fato de Foucault não ter ampliado a questão da autoria a outros domínios que não fosse unicamente de uma obra ou discursividade. Quando trata da autoria em textos escolares, Possenti (2001) apresenta uma proposta de rever esta questão de forma diferenciada da defendida por Foucault. Para isso, este autor vai acrescentar à noção de autoria o princípio da singularidade relacionada ao estilo. Nesta proposta, o autor se caracterizaria por apresentar duas atitudes: *a de dar voz a outros enunciadore*s e *a de manter distância em relação ao próprio texto*. Nesse sentido, o sujeito faria intervenções no seu próprio discurso, o que não implicaria, segundo este autor, em atitudes individuais desvinculadas do momento sócio-histórico. Portanto, a autoria de um texto se configuraria na medida em que o sujeito revestisse o seu discurso a partir de um gesto singular e particular de inscrição.

A fim de analisar o modo de manifestação da autoria no discurso de professores e alunos, pelo que expusemos até aqui, seria inviável uma concepção de autoria que se enquadrasse exclusivamente nas reflexões clássicas desenvolvidas no campo da Filosofia. Assim, basearemos nossa análise em parte nas reflexões de Foucault sobre autoria e nas contribuições apresentadas por Orlandi e Possenti em torno desta questão.

### 3. MANIFESTAÇÃO DA AUTORIA EM TEXTOS ESCRITOS DE PROFESSORES

Conforme afirma Possenti (2002), um texto para ser considerado bem escrito não basta que esteja gramaticalmente correto ou que apresente os elementos de textualidade da coesão e da coerência. Além disso, necessariamente deve apresentar subjetividade e está inserido num quadro histórico, ou seja, num discurso que seja capaz de provocar efeitos de sentido, apresentando traços de singularidade e tomada de posição do sujeito. Salientemos ainda que, segundo Possenti, para alguém se tornar autor é fundamental que o sujeito assuma duas atitudes: *dar voz a outros enunciadore*s e *manter distância em relação ao próprio texto*.

Vejamos no texto seguinte como se manifesta e que indícios caracterizam a presença da autoria:

**Ex: 01**

*Campina Grande, 10 de abril de 2006*

*Senhores Editores da Revista Continente,*

*Fiquei muito inquieta ao conhecer os dados resultantes da pesquisa realizada pelo escritor Alcione Araújo (em entrevista publicada nesta revista, janeiro de 2006), acerca de cultura e educação em nosso país.*

*São “números assombrosos”, como é citado na revista, revelando o quanto cultura e educação cada vez mais se distanciam, num país em que os alunos quase não têm contato com a produção cultural propriamente dita.*

*Uma vergonha, considerando que em países como a Argentina e o México a produção cultural está bem ligada à educação.*

*Por isso, é importante que sejam revistas as práticas educacionais em nosso país, começando, obviamente por nós, professores de ensino básico, que devemos ter mais acesso à produção cultural do país. Só assim, poderemos ter condição de pensar em educação e cultura como “seres” verdadeiramente independentes em nosso país!*

*Abraços,  
V. L.*

O exemplo acima constitui logicamente uma carta de leitor, pois apresenta a estrutura composicional (data, vocativo, corpo, despedida, assinatura) prototípica deste gênero, como também é um texto coeso e coerente. No entanto não basta, conforme já foi afirmado anteriormente, que o texto seja coeso e coerente ou esteja adequado ao gênero para que percebamos traços de autoria. Identificamos neste exemplo indícios de autoria principalmente através do modo como o sujeito professor dá voz a outros enunciadores e como se distancia do seu próprio texto. Ao mesmo tempo que cita a voz de outro enunciador, o escritor Alcione Araújo sobre educação e cultura, o sujeito se posiciona através da expressão *muito inquieta* que traduz, de uma forma inusitada, um estado de perplexidade, reflexivo do sujeito diante dos dados apresentados na entrevista, objeto de análise. Esta idéia vai ser confirmada mais adiante com a expressão, citada entre aspas da própria fala do entrevistado da revista, *números assombrosos* e o termo uma *vergonha*. Identificamos ainda indícios de autoria quando o sujeito toma uma posição diante do fato em discussão (separação entre educação e cultura) “... *é importante que sejam revistas as práticas educacionais em nosso país, começando, obviamente por nós professores de ensino básico*. Assim, podemos afirmar que o sujeito professor revela conhecer não só o gênero carta de leitor, mas procura adequar o seu discurso ao suporte de circulação: a revista Continente Multicultural e evidenciar seu posicionamento de espanto diante dos dados da pesquisa sobre educação e cultura.

O texto seguinte (Ex:02) também apresenta indícios de autoria, na medida em que o sujeito professor se posiciona concordando com as idéias sobre educação e cultura apresentadas na entrevista e assume uma atitude positiva logo no início da carta, parabenizando a revista *Quero parabenizar...* Esta atitude positiva vai se refletir na forma de concordância de como o sujeito vai citando a voz do entrevistado e tomando por base suas idéias para se posicionar através do uso de alguns adjetivos que funcionam e possuem uma força significativa para validar o pensamento do autor no que se refere à falta de cultura dos professores, confirmando esta idéia pelo uso do adjetivo *adestrados*, bem como no que se refere ao uso dos adjetivos *contundente*, *calamitosos* que corroboram para reafirmar a falta de leitura dos professores. Identificamos ainda, através do uso do advérbio *infelizmente* e do substantivo *pena*, como o sujeito lamenta e constata o estado em que chegou a educação no nosso país.

**Ex: 02**

*Campina Grande, 10 de abril de 2006*

Srs. Editores da Revista Continente,

Quero parabenizar a revista por trazer ao público brasileiro a entrevista com Alcione Araújo em que aborda a separação entre educação e cultura. Na verdade, como ele afirma, o resultado das nossas salas de aula que têm a sua frente professores não leitores será sempre indivíduos só **adestrados** para produzir tal como quer o sistema capitalista, em detrimento de indivíduos pensantes que exercem sua cidadania de maneira crítica. A prova **contundente** que reproduz esse quadro reside nos dados **calamitosos** citados, como por exemplo, dos 52 milhões envolvidos com a educação, um romance é lançado com uma tiragem de apenas três mil exemplares. **Infelizmente**, isto é um retrato e é uma **pena** que a educação tenha chegado a este ponto.

Abraços, Z

Observemos no exemplo 03 que segue como se dá a manifestação da autoria no texto dos referidos sujeitos professores:

**Ex: 03**

Campina Grande, 17 de abril de 2006

À Revista Continente

Em recente curso de aperfeiçoamento, eu e alguns professores tomamos conhecimento da existência da Revista Continente e fomos levados a ler uma entrevista com Alcione Araújo, cujo tema era: “Professores fora da vida cultural. Isso é um escândalo”.

Como professora, concordo **plenamente** com esta afirmação de Alcione, pois é sabido que a grande maioria dos professores brasileiros, principalmente os da escola pública, está realmente fora da vida cultural, o que é **bastante triste e lamentável**.

**Infelizmente**, a nossa realidade é esta mesma, embora a “culpa” talvez não seja apenas dos “pobres” professores mal remunerados e sim do sistema em que eles estão inseridos, neste mundo tão mecanicista e tecnológico, cuja preocupação maior não é mais a educação e cultura, ou seja, a formação do cidadão como ser humano, mas sim a formação de uma **mão-de-obra precária** onde se forma “o profissional”, e a educação passa a ser apenas um processo de *treinamento para a produção*. O que importa agora num mundo que se diz “moderno” é o TER e não o SER”.

Atenciosamente,  
V. V. X. N.

Assim como nos demais textos anteriores, o sujeito aqui também se posiciona a favor das idéias do autor da entrevista. Ao citar diretamente a voz do autor entre aspas “Professores fora da vida cultural. Isso é um escândalo”, bem como reforçar o uso do verbo *concordo* ao lado do advérbio *plenamente*, o sujeito professor não deixa qualquer dúvidas de que concorda que os professores devem, de fato, estarem inseridos na vida cultural, ainda reconhece e ao mesmo tempo lamenta a condição cultural, principalmente dos professores de escola pública. Podemos confirmar esta idéia através do efeito de sentido que o uso dos adjetivos *lamentável* e *triste* provoca no leitor e do advérbio *infelizmente*. Ao mesmo tempo que lamenta a condição cultural dos professores, uma outra voz, agora de defesa, se faz ouvir em favor desses professores. Percebemos esta voz através do enunciado “... *embora a “culpa” talvez não seja apenas dos “pobres” professores* ... O uso das aspas pelo sujeito, neste caso, representa um certo distanciamento e não comprometimento em relação ao seu próprio dizer. Aliás, em vários momentos do texto, percebemos que o sujeito enunciatador se utiliza desse recurso das aspas nas palavras *profissional* e *moderno* que provoca uma certa ironia, na medida em que parece não concordar com a formação tecnicista do profissional professor o qual é comparado a uma mão de obra precária, num mundo dito moderno.

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como constatamos, pela breve análise aqui empreendida, a manifestação da autoria nos textos escritos de professores se deu através de alguns traços singulares conforme já havíamos previsto. Observamos que os textos não apenas se apresentaram coesos e/ou coerentes, mas revelaram alguns indícios que marcaram gestos singulares de autoria, na medida em que além do sujeito professor tomar uma posição e se responsabilizar pelo seu dizer, procurou manipular este dizer dando voz a outros enunciatadores e ao mesmo tempo se distanciar dele quando necessário.

Assim, esta nossa pesquisa vem confirmar que é possível, através de um trabalho voltado para o estudo de uma seqüência didática no domínio de um gênero discursivo, desenvolver a condição de autor do sujeito, mesmo que ainda este sujeito seja o professor. Isto

por que, conforme afirmamos inicialmente, é inegável a imagem negativa que a sociedade de um modo geral faz em relação à condição de leitor e, principalmente, a condição de autor do sujeito professor. Portanto, advogamos que podemos inserir, a partir de condições de produção adequadas, o sujeito professor no contexto sócio-histórico e, de repente, quem sabe, sua voz se fazer ouvir.

## Referências

- FOUCAULT, M.(1992). *O que é um autor?* P. matos-Impressores, Passagens, Veja.
- \_\_\_\_\_. (1999). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola
- \_\_\_\_\_. (1997). *A arqueologia do saber* . Trd. Luiz F. B. Neves. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GALLO, S. L. (1992). *Discurso da escrita e ensino*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- ORLANDI, E. P. (1988). *Interpretação- Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2 ed. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1996). Nem escritor, nem sujeito, apenas autor. In: *Discurso e Leitura*. Campinas: Cortez/UNICAMP, p. 75-82 (Coleção Passando a Limpo)
- \_\_\_\_\_. (1999) *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, M.(1988). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. (1997) O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni p. Orlandi. São Paulo: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (1990)A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F. & Hak, T. (Orgs). *Análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP.
- POSSENTI, S.(2001a ). *Enunciação, autoria e estilo*. Revista da Faeeba, Salvador, ano 10, n. 15, p.15-21, jun/jul.
- \_\_\_\_\_. (2002)*Indícios de Autoria*. Perspectiva, Florianópolis: Editora da UFSC, v. 20, n. 1. p.105-124, jan/jun.